



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

O DEUS DE DANIEL: DISCURSO RELIGIOSO COMO RESISTÊNCIA À HELENIZAÇÃO DO IIº SÉC. A. E.C. NO MÉDIO CRESCENTE.

Diego Lino Silva¹
Agabo Borges de Sousa²

RESUMO: O II século a. E.C., no Médio Crescente, se caracteriza por um processo de interações culturais entre a comunidade judaica e helenística. Para alguns pesquisadores, essa experiência se caracteriza por manifestações de resistência identitária cultural, especialmente religiosa, dos grupos judaicos. Foram redigidos alguns escritos como resultado desse conflituoso processo de interação cultural. Esses escritos, consolidados em uma tradição canônica véterotestamentária, são analisados no presente artigo enquanto representações de um imaginário religioso coletivo sobre a realidade histórico-social do processo de helenização. Essas representações tem por objetivo ratificar as intervenções divinas na realidade sócio histórica através do discurso alegórico presente nas revelações apresentadas entre visões e sonhos para o movimento apocalíptico de Daniel.

Palavras chave: Judeus. Helenismo. Resistencia. Apocalíptica.

INTRODUÇÃO

A presença helênica no Médio Crescente³ se caracterizou por interações culturais que, na compreensão de alguns pesquisadores,⁴ ameaçaram os costumes judaicos. Ágabo Sousa⁵ fala sobre diversos aspectos que demonstram complexos conflitos culturais durante o processo de

¹Graduando em Licenciatura em História. Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista de iniciação científica pela FAPESB.

² Orientador; Professor Doutor na Universidade Estadual de Feira de Santana.

³ Por Médio Crescente entende-se o '[...] antigo território de Judá e Israel, hoje Estado de Israel, Líbano e sul da Síria' (SOUSA, 2013, 232).

⁴Ver: SOUSA, Agabo Borges de. Filosofia helenística e o encontro com a cultura do Médio Crescente: O diálogo de Daniel com as escolas epicurista e estoica. **Caminhos**, Goiânia, V. 11, N. 2, p. 232-245, Jul-Dez. 2013; BRIGHT, John. **História de Israel**. 2. ed. São Paulo, 1981; KESSLER, Rainer. **História Social do Antigo Israel**. Paulinas, São Paulo, 2009.

⁵SOUSA, Ágabo Borges de. **Daniel: Um Apocalipse Anticuo-Testamentário. Grupo de Pesquisa As Escolas Filosóficas do II sec. a. Cr. eo Movimento Apocalíptico de Daniel** (artigo). CNPq. UEFS, DCHF, NEF. 2012, p. 12.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

influência da civilização helênica, no II século a. E.C., principalmente no que se refere às mudanças ocorridas durante o domínio selêucida, um dos reinos herdeiros do anterior império alexandrino. Entre os soberanos da trajetória histórica do Império Selêucida, esteve Antíoco IV Epífanes (175 – 164 a. E. C.), ele se destaca, pois, segundo André Chevitarese⁶, está representado em alguns trechos do livro de Daniel devido às insatisfações causadas pelas reformas promovidas durante seu reinado. Por exemplo:

Tropas **enviadas por ele** virão profanar o Santuário-cidadela e abolirão o sacrifício perpétuo, ali introduzindo a abominação da desolação. Os que transgridem a Aliança, ele os perverterá com suas lisonjas; mas o povo dos que conhecem o seu Deus agirá com firmeza. [...] **O rei agirá a seu bel-prazer, exaltando-se e engrandecendo-se acima de todos os deuses. Ele proferirá coisas inauditas contra o Deus dos deuses** e, no entanto prosperará, até que a cólera chegue a seu cúmulo — porque o que está decretado se cumprirá. (Dn 11. 31-32 e 36, grifo nosso)

Essas citações retificam a “teoria macabéia”. Essa teoria localiza a redação do texto de Daniel no mesmo período ao qual acontecem os conflitos políticos e também de natureza cultural do II século a. E.C. Os textos dos Macabeus que narram a construção de um ginásio de esportes (2Mc 4. 12-20) desvelam o descontentamento de alguns judeus com a existência deste, especialmente quando se pensa os esportes gregos intrinsecamente relacionados ao culto de Hércules ou Hermes. “[...] a participação no ginásio inevitavelmente envolvia certo grau de aceitação dos deuses que eram seus protetores.”⁷ Também, sobre o domínio de Antíoco IV Epífanes, Jerusalém foi saqueada e destruída, o templo foi profanado e os objetos sagrados saqueados. Posteriormente, foi construída uma cidadela (Acra) com guarnição militar selêucida. “Era uma colônia de pagãos helenizados (1Mc 3. 45; 14. 36) e judeus renegados (1Mc 6. 21-24; 11. 21) - uma ‘polis’ grega com sua própria constituição, cercada por muros, dentro da agora indefesa cidade de Jerusalém”⁹. Além disso, Antíoco também proibiu a religião judaica e dedicou o templo de Jahwé a Zeus¹⁰, entre outras práticas narradas nos livros dos Macabeus:

⁶CHEVITARESE, André Leonardo. “Reflexões em torno de Daniel 9: 1-9” In: CORNELLI, Gabriele. CHEVITARESE, André Leonardo. (org). **Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: Ensaio acerca das interações culturais no Mediterrâneo antigo**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007, p. 34.

⁷BRIGHT, John. **História de Israel**. 2. ed. São Paulo, 1981., p. 572s.

⁹**Ibidem**, p. 575.

¹⁰ “[...] YHWH, o “Deus dos céus” (Esd 7, 12) é identificado com o Baal celeste sírio-cananeu e com o Zeus da religião grega” (KESSLER, 2009, 215).



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

No décimo quinto dia do mês de Casleu do ano de cento e quarenta e cinco, o rei fez construir, sobre o altar dos holocaustos, a Abominação da desolação. Também nas outras cidades de Judá erigiram-se altares e às portas das casas e sobre as praças queimava-se incenso. Quanto aos livros da Lei, os que lhes caíam nas mãos eram rasgados e lançados ao fogo. Onde quer se encontrasse em casa de alguém um livro da Aliança ou se alguém se conformasse à Lei, o decreto real o condenava à morte (I Mc 1. 54-57).

Para além dos pontos apresentados no parágrafo acima, Rainer Kessler¹¹ ainda aponta algumas características que compunham um *ethos* judaico no período helenístico e que também foram ameaçados pelo processo de interação cultural com os helênicos, por exemplo, a constituição básica da sociedade pelas relações familiares e de parentesco, assim como a estrutura patriarcal dessas famílias. Tendo em vista o complexo e conflituoso processo de interação cultural, denunciados nos documentos antigos de I Macabeus, II Macabeus e no livro de Daniel, é possível identificar que aqui chamaremos de uma identidade cultural judaica. Determinações sobre o “ser judeu”, anteriores ao movimento helenístico, que se sentem ameaçadas durante o processo de helenização.

O método de resistência dos portadores do movimento apocalíptico em Daniel (portadores do *ethos* judaico), em defesa de sua identidade teológica/cultural no decurso das interações com os helênicos é o objeto de análise do presente trabalho.

O pentateuco como fonte histórica e a identidade teológica judaica.

A procura de analisar a construção dessa identidade cultural judaica através das origens do povo de Israel, diante das reflexões de Ronald Clements¹² e Milton Schwantes¹³, alguns pontos foram importantes ao desenvolvimento das ideias do presente artigo. Schwantes afirma que, cabe aos textos canônicos antigos, concomitantemente, o lugar de fontes para historiografia, assim como o de testemunhos de fé, emergidos do processo longo de transmissão oral e formulação escrita. Para ele, os textos são resultados de releituras e atualizações

¹¹KESSLER, Rainer. **História Social do Antigo Israel**. Paulinas, São Paulo, 2009, p. 217s.

¹²CLEMENTS, R. E. **O mundo do antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas** / R. E. Clements (org.); [tradução João Rezende Costa; revisão Honório Dalbosco]. – São Paulo: Paulus, 1995.

¹³SCHWANTES, Milton. **História de Israel: local e origens** / por Milton Schwantes. 3 ed. Alt. e ampl. – São Leopoldo: Oikos, 2008.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

“embrulhados nas cores, nos interesses, nas intenções da atualidade que os rememora”¹⁴. Clements e Schwantes, afirmam também a importância do Pentateuco enquanto texto que retrata essa constituição do povo judaico na qualidade de “povo de Deus”. Assim, refletir a origem judaica através, especialmente, de características religiosas, resulta da premissa de que o Pentateuco é uma narrativa que manifesta uma aliança entre a divindade e aqueles sujeitos presentes na narrativa: “[...] ela entende e define o ser de Deus em termos de ações voltadas a e em prol de Israel”¹⁵. Clements reitera essa indissociabilidade entre Israel e o discurso religioso. Para ele, esse discurso é parte inseparável da consciência dos valores sociais e culturais desse povo, ou seja, de sua identidade.

A noção de uma sociedade “secular”, da maneira como este termo pode-se entender no mundo moderno, simplesmente não existia. [...] a cosmologia do Israel antigo era de caráter fundamentalmente religioso, de sorte que as instituições mais básicas da sociedade – realeza, lei, culto e educação – todas se alicerçavam em ideias religiosas.¹⁶

Kessler¹⁷ ao refletir sobre questões metodológicas de análise de textos do antigo Israel, afirma que tais textos fazem parte dos interesses existentes no período em que foram redigidos.

Ao olhar para o processo de interação cultural entre judeus e helênicos no Médio Crescente, Sousa¹⁸ entende Daniel enquanto pseudônimo, isto é, personagem paradigmático, que objetiva tornar o movimento apocalíptico sensível aos seus simpatizantes, ou seja, aproximar o povo sujeito às opressões do período helênico no II século a. E. C., de um personagem visionário, que poderia ter vivido a realidade do período exílico (587 – 539 a. E. C.) e convida-os à resistência cultural. Outros pesquisadores reiteram essa concepção, como Almir Andrade, que defende o importante papel do movimento de Daniel na qualidade de “elemento de enfrentamento ideológico judaico contra os desmandos de Antíoco IV

¹⁴**Ibidem**, p. 14.

¹⁵CLEMENTS. **O mundo do antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas**, p. 15.

¹⁶**Ibidem**, p. 16.

¹⁷KESSLER, **op. Cit.**, p. 8.

¹⁸SOUSA, Ágabo Borges de. **Daniel: um panorama do apocalipse antioquiano-testamentário**. Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia. Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Feira de Santana, BA, 2012, p. 6.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

Epífanos”¹⁹. Diante disso, as condições culturais e sócio-políticas que envolvem o surgimento do movimento apocalíptico, tal como a utilização deste na qualidade de instrumento de resistência, respaldam a noção de que os textos daniélicos refletem interesses culturais e políticos. E, por isso, utilizam-se do discurso religioso alegórico²⁰, como estratégia de reafirmação da sua identidade essencialmente religiosa diante das ameaças helênicas às suas manifestações culturais.

As possibilidades sobre o discurso religioso alegórico ser, no texto daniélico, para além do resultado de uma cultura indissociável do divino, mas também, estratégia de ratificar essa cultura e, por conseguinte, essa identidade, provém especialmente de duas premissas. A primeira está nas reflexões de Tomaz Tadeu da Silva²¹sobre identidade, onde este afirma a vinculação da identidade às relações de poder, isto é, a identidade está envolvida em uma competição pelos recursos simbólicos e materiais da sociedade, utilizando de classificações dicotômicas que determinam limites entre “nós” e “eles”. “Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder”²². Essa classificação compartilha da fluidez da identidade cultural que Stuart Hall²³ apresenta, na qual os sujeitos que postulam uma identidade partilham de experiências históricas e códigos culturais. Estes, diante a dinamicidade da história, através da identificação, posicionam-se e reconstroem discursos sobre as identidades históricas herdadas de um passado comum conforme seus interesses, “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento.”²⁴

¹⁹ ANDRADE, A.L. Apresentação dos contos de cortenolivro de Daniel: análise de sua estrutura. **Oracula** (UMESP), v. 14, pp. 46-63, 2013, p. 55.

²⁰ Entende-se por discurso religioso alegórico, as características normalmente presentes no gênero literário da apocalíptica, isto é, a presença de seres mitológicos, o se expressar através de figuras fantásticas e estranhas, além da forte relação entre o mundo terreno e o divino (Schiavo, 2005, 115). Collins (2010) também traz considerações sobre a presença constante de aspectos sobrenaturais na literatura daniélica. Este fala de uma sabedoria mântica sobre sonhos e mistérios (p. 142), além de afirmar uma familiaridade dos escritos de Daniel com escritos mitológicos, trazendo como exemplo os mitos ugaríticos (p.153).

²¹ SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: na perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis – RJ. Vozes, 2000, p. 82s.

²² **Ibidem**, p. 82.

²³ HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Nº 24, p. 68 – 75, 1996, p. 70.

²⁴ **Ibidem**, p. 70.



ANAIIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

A segunda premissa se refere à perspectiva teórica que norteia esta análise dos textos véterotestamentários enquanto fontes históricas. Entendendo os discursos presentes na literatura apocalíptica daniélica enquanto representações do mundo social, forjadas de acordo com interesses dos grupos apocalípticos, especialmente o movimento de Daniel. O que destaca a perspectiva cultural de análise, que “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”²⁵. É importante pontuar que essa análise histórico-cultural de representações, de forma alguma nega a perspectiva de conflito do processo descrito nos textos daniélicos:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciavam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.²⁶

Gass e Almeida²⁷ afirmam que até o período exílico a população judaica não era monoteísta, a expressão religiosa caracterizava-se como monolatria, ou seja, o culto a um deus comum sem, no entanto, negar a existência de outras divindades ou cultos. Ana Luisa Cordeiro²⁸ e Ágabo Sousa²⁹ também afirmam a presença de outras divindades, para além de Jahwe, nos cultos religiosos. Todavia, segundo Cordeiro³⁰, Ezequias e Josias por volta de 622 a.E. C., influenciados pelo movimento profético, iniciam reformas que tinham por objetivo suprimir práticas culticas e excluir outras representações do divino, a não ser Jahwe. De acordo

²⁵CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa, Portugal: Difel, 1990. 239p, p. 16.

²⁶CHARTIER. **A história cultural entre práticas e representações**, p. 17.

²⁷GASS, Ildo Bohn; ALMEIDA, Neli de. Deus-Pai e Deusa-Mae, uma nova espiritualidade. **Por Trás da Palavra**, São Leopoldo, n. 165, p. 10-17, 2008, p. 14.

²⁸CORDEIRO, Ana Luisa Alves. **Recuperando o imaginário da Deusa: Estudo sobre a divindade Aserá no Antigo Israel**. Dissertação de mestrado em Ciência da Religião. Goiânia: PUC. 2009, p. 17.

²⁹SOUSA, Ágabo Borges de. É Possível estudar a religião popular judaica a partir da literatura bíblica? **Revista Jesus Histórico**, Rio de Janeiro, V. 7, N. 13, 70-82. 2014, p. 74.

³⁰CORDEIRO, **op. Cit.**, p. 35.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

com Sousa, “o movimento profético é uma reação clara a esta forma de compreender o mundo, expressa nesta religiosidade. Este movimento percebe o sentido desta pluralidade religiosa e propõe uma devoção única a Jahwe”³¹. Assim, é possível entender a partir do movimento profético, ao menos o início de um processo de incorporação da identidade cultural Jahwista. O que não nega a permanência dos cultos às outras divindades no período monárquico e também não afirma uma homogeneidade nas concepções religiosas populares entre os judeus. Segundo George Fohrer³², esse processo de constituição do judaísmo monoteísta é solidificado a partir da reforma de Esdras³³, aproximadamente no V século a. E.C.

Martin Goodman³⁴ reflete sobre uma flexibilidade nas determinações em torno do ser judeu nos séculos II e I a. E. C., pensando as trajetórias e os vetores que concebem a *jewishness*³⁵. As reflexões de Goodman apontam variadas condições, práticas e representações que indicam a existência de diferentes grupos, ou diversas possibilidades de ser judeu. Sujeitos que possuem as premissas religiosas judaicas em comum, entretanto, não compartilham todas as práticas ou legitimações das autoridades, sobre o caráter de judeu. Entre essas comunidades distintas, esse trabalho se volta especificamente aos portadores do movimento apocalíptico de Daniel na sua reação à helenização. Grupo que, segundo Chevitarese, critica os judeus, contudo, também se entende nessa realidade: “[...] o autor procura olhar para dentro da sua casa, para o interior do seu povo, e pede perdão a Deus pelo fato de os judeus, inclusive ele próprio, serem pecadores.”³⁶. Diferentemente da revolta macabéia, os portadores do movimento apocalíptico daniélico utilizam a literatura fantástica como método de expressão religiosa que transmite o conforto e a esperança necessária aos santos do Altíssimo: judeus sujeitos às opressões da dominação helênica e, segundo Sousa ³⁷, portadores do movimento apocalíptico de Daniel, que

³¹SOUSA. **É possível estudar a religião popular judaica a partir da literatura bíblica?** p. 80.

³²FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel**. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2008, p. 465s.

³³Segundo Santana (2015), no Período Persa aconteceram reformas que tornaram o culto *Jahwe* como oficial do templo. Entre outras mudanças reformas que, pela datação, são atribuídas a Neemias entre 445/4-433/2 a.E.C., ou para Esdras seria 425-398/7.

³⁴GOODMAN, Martin. “Identidade e autoridade no judaísmo antigo.” In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza, Org.; FUNARI, Pedro Paulo A., Org.; COLLINS, John J., Org. **Identidades fluidas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo**. São Paulo: ANNABLUME/FAPESP, 2010, p. 56.

³⁵Conceito utilizado por Goodman que concentra a ideia de etnicidade, nacionalidade e religião característica do judaísmo através dos séculos.

³⁶CHEVITARESE. **Reflexões em torno de Daniel 9: 1-9**, p. 34.

³⁷SOUSA. **Daniel: um apocalipse antigo**, p. 4.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

resistem confiando em uma mudança que acontecerá com a intervenção sobrenatural do sagrado.

E o reino e o império e as grandezas dos reinos sob todos os céus serão entregues ao povo dos santos do Altíssimo. Seu império é um império eterno, e todos os impérios o servirão e lhe prestarão obediência. (Dn 7. 27)

As expressões e esperanças do movimento daniélico no sobrenatural aparecem, principalmente, pelos traços escatológicos de sua narrativa.

Discurso escatológico

A escatologia é um dos aspectos que normalmente está presente no gênero literário apocalíptico, e, nos textos daniélicos, ela se apresenta como elemento fundamental para transmitir a esperança pretendida diante o contexto do movimento. Jaques Le Goff³⁸, ao olhar para a presença de concepções escatológicas nas diversas expressões religiosas, tanto orientais quanto ocidentais, reconhece a importância filosófica e histórica da escatologia tendo em vista, especialmente, a problemática que envolve conceituá-la, isto é, entre as variantes, enquadrar os pensamentos escatológicos na qualidade de reflexões sobre “os últimos dias”, ou sobre “o ultimo tempo” como sugere a etimologia da palavra.

Tem origem no termo grego, geralmente empregado no plural, tá escháta 'as últimas coisas' [cf. Althaus, 1922; Guardini, 1949]. Porém, alguns especialistas, nomeadamente teólogos e historiadores da religião, empregam-no no singular, escháton 'o acontecimento final' [por exemplo, Dodd, 1936], para designar o Dia do Senhor, o Dia do Juízo Final, segundo o Apocalipse cristão³⁹.

O livro de Daniel é um exemplo da necessidade de especificar o que o texto apresenta por escatologia. Sousa⁴⁰, ao falar sobre o fim do mundo no livro de Daniel, esclarece que os interesses dos escritos estão no “por vir”, isto é, no estabelecimento do reino através do

³⁸LE GOFF, Jacques, “Escatologia”. In: **História e Memória** / Jacques Le Goff; tradução: Bernardo Leitão... [et. Al.]. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 327.

³⁹**Ibidem**, p. 325.

⁴⁰SOUSA, Ágabo Borges de. O Fim do Mundo no Livro de Daniel: A Esperança do Novo. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis/São Leopoldo, v. 59, p. 24-28, 1998, p. 27.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRITTOJUDAICOS
CRITTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

“Messias” como resultado da intervenção divina. “O presente é a era atual, negativa e perversa. O reino de Deus seria a era futura, positiva e redentora.”⁴¹. Assim, a escatologia do movimento apocalíptico em Daniel não se refere aos “últimos dias”, mas sobre um porvir, o início de uma nova ordem conveniente àqueles submetidos a imposições estrangeiras: “Os que receberão o reino são os santos do Altíssimo, e eles conservarão o reino para sempre, de eternidade em eternidade” (Dn 7. 18).

Os trechos do livro de Daniel que exemplificam à “particular escatologia” dos seus escritos denunciam também o caráter histórico, portanto, a realidade política e cultural por trás de suas visões. Um exemplo destas visões normalmente relacionadas a algum reino, por exemplo, os capítulos 7 e 8:

Tomou a palavra Daniel, dizendo: Eu estava contemplando a minha visão noturna, quando vi os quatro ventos do céu que agitavam o grande mar. E quatro animais monstruosos subiam do mar, um diferente do outro. [...] Esses animais enormes, em número de quatro, são quatro reis que se levantarão da terra. (Dn 7.2-3, 17)

Levantando os olhos para ver, deparei com um carneiro, de pé, diante da porta. Ele tinha dois chifres: os dois chifres eram altos, mas um era mais alto que o outro, e esse mais alto foi o que apareceu por último. E eu vi o carneiro dar chifradas para oeste, para o norte e para o sul. Nenhum animal podia resistir-lhe, e ninguém conseguia livrar-se do seu poder. Ele fazia o que bem lhe aprazia e tornou-se grande. Eu estava considerando com atenção quando vi um bode que vinha do ocidente e havia percorrido a terra inteira, sem sequer tocá-la. E o bode tinha um chifre "magnífico" entre os olhos. [...] O carneiro que viste, com seus dois chifres, são os reis da Pérsia e da Média. O bode peludo é o rei de Javã, e o grande chifre que havia entre seus olhos é o primeiro rei. (Dn 8. 3-5, 20-21).

Essa relação entre as visões apocalípticas e a realidade política é pontuada por Sousa, quando este reflete à escatologia dos escritos daniélicos “[...] no livro de Daniel não há um claro dualismo entre “este tempo” e o “tempo vindouro”, o dualismo está entre os reinos do mundo e o reino do Messias [...]”⁴². Chevitaresh⁴³ reconhece a associação de alguns atributos negativos a Antíoco IV Epífanes, o soberano selêucida, durante algumas visões em Daniel, e indica os trechos em que as associações estão. Entre essas passagens destacam-se tantos os atributos negativos associados a Antíoco em defesa da identidade cultural judaica. O imperador

⁴¹MIRANDA, Valtair. **O que é escatologia?** Rio de Janeiro: MK Editora, 2004, p. 34.

⁴² SOUSA. **O Fim do Mundo no Livro de Daniel**, p. 27.

⁴³ CHEVITARESE. **Reflexões em torno de Daniel 9: 1-9**, p. 34.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

selêucida aparece como uma personificação do mal. Ele é apresentado como aquele que proferirá insultos contra o Altíssimo, que testará os santos do Altíssimo, pérfido, sorrateiro, injusto, um miserável a quem não se dariam as honras da realeza, que se arvora Deus, entre outros:

Proferirá insultos contra o Altíssimo e porá a prova os santos do Altíssimo; ele tentará mudar os tempos e a Lei, e os santos serão entregues em suas mãos por um tempo, dois tempos e metade de um tempo. (Dn 7. 25)

Por sua habilidade, a perfídia terá êxito em suas mãos. Ele se exaltará em seu coração e, surpreendendo-os, destruirá muitos. Opor-se-á mesmo ao Príncipe dos príncipes mas, sem que mão humana interfira, será esmagado. (Dn 8. 25)

Em seu lugar levantar-se-á um miserável, a quem não se dariam as honras da realeza. Mas ele se insinuará sorrateiramente e, à força de intrigas, apossar-se-á do reino sagrado. (Dn 11. 21)

Tropas enviadas por ele virão profanar o Santuário-cidadela e abolirão o sacrifício perpétuo, ali introduzindo a abominação da desolação. (Dn 11. 31)

A descrição negativa junto a revelação de derrota associada a esse inimigo é, também, indício das intenções que atravessam os escritos. A redenção que eleva os portadores do movimento de Daniel está condicionada à queda de Antíoco. Outra figura presente nos textos daniélicos atravessada pela escatologia é o Filho do Homem.

Um como um filho de um homem

O gênero literário apocalíptico é marcado pela presença de figuras do imaginário cultural e religioso e realidades transcendentais. Daniel não é diferente. Entre as criaturas que aparecem no decorrer das visões e sonhos, uma se destaca entre as figuras mitológicas⁴⁴: o “filho do homem”, símbolo messiânico presente nas visões de Daniel que, para Sousa, existem alguns atributos especiais a essa criatura. Sousa⁴⁵ chama a atenção, primeiro, à tradução da expressão em aramaico enquanto “um como um filho de um homem”. Expressão que ressalta tanto a identificação de uma figura humana, quanto à singularidade da criatura. O que sugere “que a figura humana seja vista como indivíduo pertencente ao grupo dos Santos do Altíssimo, que, porém não incorpora o coletivo, mas será simplesmente um entre os mais pobres dentre os

⁴⁴De acordo com algumas reflexões de Mircea Eliade (1992), entende-se figura mitológica enquanto deuses ou Heróis civilizadores, ou seja, sujeitos não humanos, e também, como elementos que protagonizam as irrupções do sagrado no mundo.

⁴⁵SOUSA, Ágabo Borges de. A figura de “um como um filho de um Homem” em Daniel 7, *Estudos Bíblicos* 52 (1996), Vozes, p. 70 – 77, p. 74.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

homens, [...]”⁴⁶. Essa proposta reafirma a historicidade da visão, que na qualidade de irrupção do sagrado, intervém na realidade histórica da ameaça helênica.

CONCLUSÃO

Dessa forma, considerando o movimento de conflituosa interação cultural do II século a. E.C., junto às imposições de Antíoco IV Epífanes e a condição de ameaça a sua identidade que estava submetido o povo judeu, a emergência de quaisquer elementos que insinuassem a possibilidade de transgressão daquela realidade e que, por conseguinte, traga conforto e esperança, como um novo reino ou uma figura messiânica, por exemplo, tornam-se instrumentos de resistência contra o império selêucida e a cultura helenística. A paradigmática postura passiva dos companheiros de Daniel frente às arbitrariedades de Nabucodonosor (Dn 3. 17 e 18), assim como o novo império ou a figura messiânica presente nas visões, denunciam seu método de resistência, isto é, as representações construídas pelo movimento apocalíptico em Daniel assinalam a intervenção do divino na realidade histórica como meio pelo qual venceriam o conflito entre helênicos e judeus.

Logo, na literatura apocalíptica daniélica existe a intenção de ratificar a intervenção do divino na realidade histórica através das visões apocalípticas e do discurso alegórico que estas carregam. Esse discurso serve como difusor de esperança e conforto para os sujeitos à perseguição e opressão helenística. Para os portadores do movimento apocalíptico, a condição de opressão é temporária uma vez que o futuro estaria reveladamente apresentado àqueles que permaneceram fiéis, assim como Daniel, à identidade teológica/cultural judaica, estarão com os santos do Altíssimo no reino estabelecido pelo Messias, seguros do julgo de reis estrangeiros.

Existem significações do mundo simbólico, por meio de representações visionárias, de forma que projeções em figuras do imaginário religioso forneçam respostas à realidade de opressão helenística, reafirmando a consciência teológica da identidade cultural judaica enquanto sabedoria circunstanciada pela experiência sócio histórica.

REFERÊNCIAS:

⁴⁶**Ibidem**, p. 77.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

DOCUMENTOS:

DANIEL. In: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 1981.

I MACABEUS. In: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 1981.

BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, A.L. Apresentação dos contos de cortenolivro de Daniel: análise de sua estrutura. **Oráculo** (UMESP), v. 14, pp. 46-63, 2013.

BRIGHT, John. **História de Israel**. 2. ed. São Paulo, 1981.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa, Portugal: Difel, 1990. 239p

CLEMENTS, R. E. **O mundo do antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas** / R. E. Clements (org.); [tradução João Rezende Costa; revisão Honório Dalbosco]. – São Paulo: Paulus, 1995.

COLLINS, Jhon J. **A imaginação apocalíptica: Uma introdução à literatura apocalíptica judaica** / Jhon J. Collins; [tradução Carlos Guilherme da Silva Magajewski]. – São Paulo: Paulus, 2010.

CORDEIRO, Ana Luisa Alves. **Recuperando o imaginário da Deusa: Estudo sobre a divindade Aserá no Antigo Israel**. Dissertação de mestrado em Ciência da Religião. Goiânia: PUC. 2009.

CHEVITARESE, André Leonardo e CORNELLI Gabriele. **Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: Ensaio acerca das interações culturais no Mediterrâneo antigo**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. São Paulo. Martins Fontes, 1992. Versão em PDF.

FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel**. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2008.

GASS, Ildo Bohn; ALMEIDA, Neli de. Deus-Pai e Deusa-Mae, uma nova espiritualidade. **Por Trás da Palavra**, São Leopoldo, n. 165, p. 10-17, 2008.

GOODMAN, Martin. Identidade e autoridade no judaísmo antigo. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza, Org.; FUNARI, Pedro Paulo A., Org.; COLLINS, John J., Org. **Identidades fluídas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo**. São Paulo: ANNABLUME/FAPESP, 2010.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Nº 24, p. 68 – 75, 1996.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

KESSLER, Rainer. **História Social do Antigo Israel**. Paulinas, São Paulo, 2009.

LE GOFF, Jacques, 1924. “Escatologia”. In: **História e Memória** / Jacques Le Goff; tradução: Bernardo Leitão... [et. Al.]. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MIRANDA, Valtair. **O que é escatologia?** Rio de Janeiro: MK Editora, 2004.

SANTANA, Thiago Borges de. **A helenização no Médio Crescente e os movimentos de resistência: Revolta dos macabeus e o movimento apocalíptico no II séc. a. E. C.** Monografia de Graduação em História. Universidade Estadual de Feira de Santana. 2015.

SCHIAVO, Luigi. O acesso ao mundo superior: O elemento extático e visionário na literatura apocalíptica e no movimento de Jesus. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. (org.). **Religião de visionários: Apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo**. São Paulo. Edição: Loyola, 2005. Pp. 111 – 136.

SCHWANTES, Milton. **História de Israel: local e origens** / por Milton Schwantes. 3 ed. Alt. e ampl. – São Leopoldo: Oikos, 2008.

SILVA, A. Vieira da. Aspecto histórico-literário da apocalíptica. **Oracula** (UMESP), v. 15, pp. 61-73, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: na perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis – RJ. Vozes, 2000.

SOUSA, Ágabo Borges de. O Fim do Mundo no Livro de Daniel: A Esperança do Novo. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis/São Leopoldo, v. 59, p. 24-28, 1998.

SOUSA, Ágabo Borges de. **Filosofia helenística e o encontro com a cultura do Médio Crescente: O diálogo de Daniel com as escolas epicurista e estoica**. CAMINHOS, Goiânia, V. 11, N. 2, p. 232-245, Jul-Dez. 2013.

_____. **Daniel: Um Apocalipse Antico-Testamentário. Grupo de Pesquisa As Escolas Filosóficas do II séc. a. Cr. eo Movimento Apocalíptico de Daniel** (artigo). CNPq. UEFS, DCHF, NEF. 2012.

_____. **Daniel: um panorama do apocalipse antico-testamentário**. Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia. Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Feira de Santana, BA, 2012.

_____. A figura de “um como um filho de um Homem” em Daniel 7, **Estudos Bíblicos** 52 (1996), Vozes, p. 70 – 77.

_____. É Possível estudar a religião popular judaica a partir da literatura bíblica? **Revista Jesus Histórico**, Rio de Janeiro, V. 7, N. 13, 70-82. 2014.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA